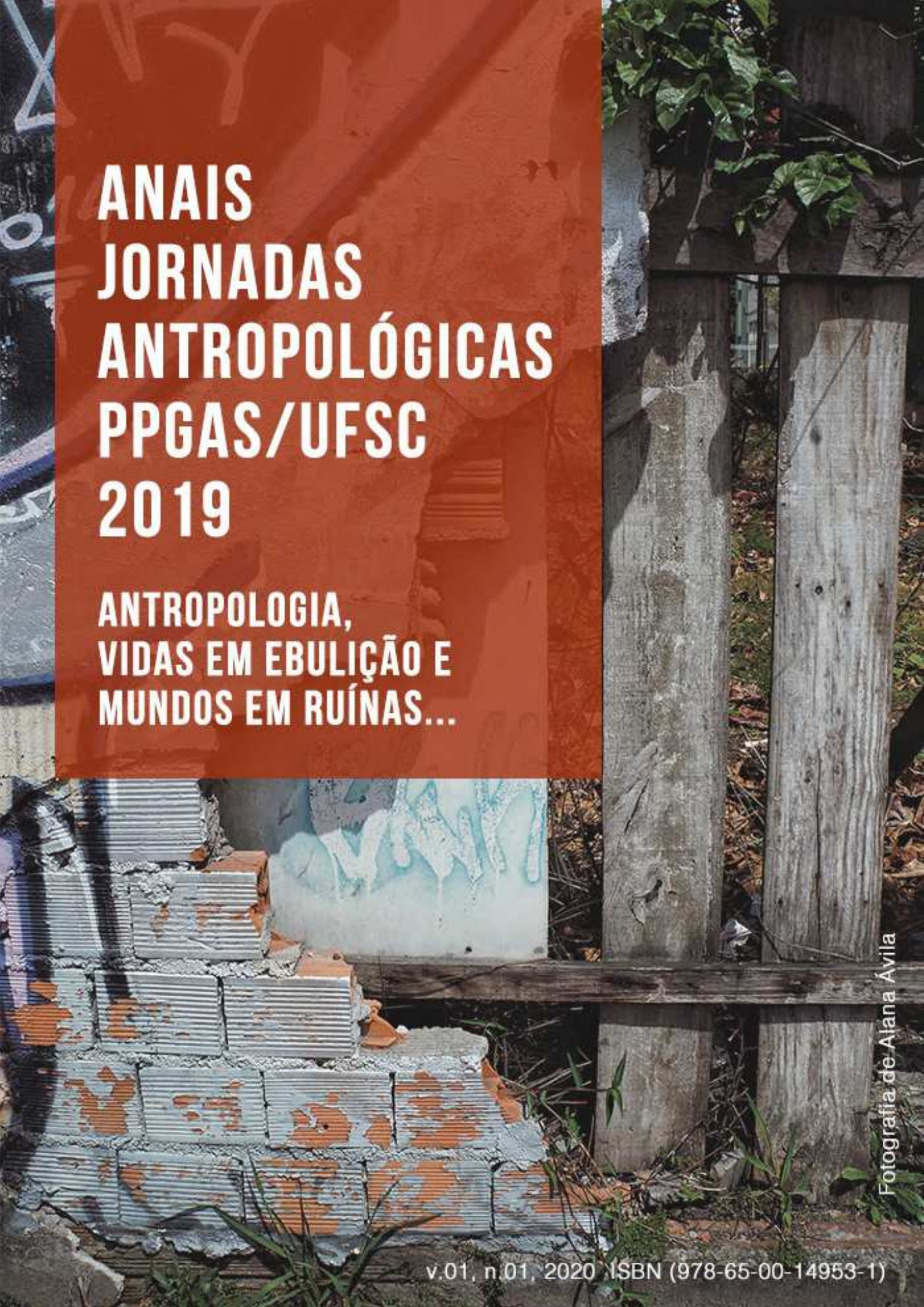

ANAIS JORNADAS ANTROPOLÓGICAS PPGAS/UFSC 2019

ANTROPOLOGIA, VIDAS EM EBULIÇÃO E MUNDOS EM RUÍNAS...

Fotografia de Alana Ávila

v.01, n.01, 2020 ISBN (978-65-00-14953-1)

As Jornadas Antropológicas, evento bianual organizado pelxs alunxs do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), se constitui como um espaço de troca de experiências e construção de saberes.

Com o tema **"Antropologia, vidas em ebulição e mundos em ruínas..."**, *o evento propõe reflexões acerca da atual conjuntura política, social e científica do Brasil. Como a Antropologia se comporta diante desses emblemáticos e complexos sistemas, mundos, vidas em ruínas? Pensar e repensar o papel da Antropologia é também uma elaboração sobre nossas próprias práticas de pesquisa, nossos comportamentos, nossos papéis e modos de viver sobre e com ruínas.*

Contamos com contribuições de estudantes de programas de graduação e pós-graduação, em Antropologia, Ciências Sociais e áreas afins.

Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social -PPGAS
Campus Universitário – Trindade
88040-970 – Florianópolis – SC – Brasil
https://antropologicasufsc.wixsite.com/jornadas19
antropologicas.ufsc@gmail.com
antropologicas19@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jornadas Antropológicas PPGAS/UFSC 2019 (10. : 2019 : Florianópolis, SC)
Anais Jornadas Antropológicas PPGAS/UFSC 2019 [livro eletrônico] : antropologia, vidas em ebulição e mundos em ruínas-- / [organização Chiara Albino, Maria Luiza Scheren]. -- Florianópolis, SC : Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-00-14953-1

1. Antropologia 2. Congressos I. Albino, Chiara. II. Scheren, Maria Luiza. III. Título.

20-53442 CDD-301

Índices para catálogo sistemático:

1. Antropologia 301

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Ateliê de Pesquisa

Águas de Memórias: paisagens, ambientes, práticas e habilidades humanas e não-humanas, em mundos águas sobre ruinas no antropoceno

Igor Luiz Rodrigues da Silva (CANOA/PPGAS/UFSC)
Doutorando em Antropologia Social
igorluizcso@gmail.com

Manuel Ansaldo Roloff (PPGAS/UFSC)
Doutorando em Antropologia Social
ascatasuna@gmail.com

No Caminho dos Tigres: retrato de um rio e sua relevância como espaço público para a população negra de Florianópolis-SC. Conflitos e conquistas do passado e do presente

Rafael Alves de Campos (UNIVALE/ IFSC)
arqrafaelcampos@gmail.com

Larissa Donato (UNESPAR/ UEM)
Donato.lari@hotmail.com

Resumo: Na escravidão, a população negra foi responsável por carregar sobre a cabeça recipientes com excrementos para despejar nos rios. Os barris, conhecidos como bulhas, transbordavam os líquidos ácidos que escorriam pelos seus corpos, manchando a pele de listras, fato que os fizeram ser chamados de tigres (SANTOS, 2009). O caminho dos tigres trata-se de um dos principais destinos utilizados para despejo de dejetos, coleta de água e também como espaço de socialização, o Rio da Bulha. Este córrego que nasce no bairro Monte Serrat, hoje corre tamponado pela Avenida Hercílio Luz, importante caminho (LYNCH, 1980) da população que vive na região central. A nascente em questão também é relevante para o imaginário da cidade pois foi instalada junto a ela o primeiro reservatório de água de Florianópolis, o R-0, em 1909 e atualmente, 110 anos depois, foi inaugurada a primeira praça do Monte Serrat sobre o terreno deste reservatório. A avenida e a praça são espaços importantes para a população negra da região central de Florianópolis, pois foram, e são, palco de conflitos, lutas e conquistas por parte dessa população. Este artigo apresenta uma análise do contexto urbano destes espaços públicos através da realização de um resgate histórico das transformações da infraestrutura urbana deste rio, buscando fazer um paralelo com a história da população negra da região central de Florianópolis por meio de uma documentação histórica e observação incorporada (RHEINGANTZ, et. al. 2009).
Palavras-chave: Espaço Público, Infraestrutura Urbana, População Negra, Rio da Bulha.

Introdução

Os Tigres aos quais nos referimos neste trabalho eram as pessoas responsáveis pelos primeiros serviços de saneamento básico na Florianópolis escravagista. Esses homens escravizados captavam a água limpa e servida, e as transportavam pela região central da cidade. Para isso eles se deslocavam equilibrando sobre suas cabeças os recipientes conhecidos como Bulhas, onde eram armazenados os excrementos. À medida que caminhavam, o líquido ácido muitas vezes transbordava dos recipientes e escorria pelos seus corpos, provocando listras acinzentadas sobre suas peles negras, característica que os fizeram serem chamados de tigres. (SANTOS, 2009).

Essa denominação criada pelos escravagistas era carregada de preconceito e desumanizava as pessoas negras. Tal prática, que conferia poder aos brancos em detrimento dos negros, estava relacionada a dicotomia de Natureza e Cultura (THOMAS, 2010; SUSSEKIND, 2018). Na visão dos escravocratas os negros na condição de tigres se enquadravam na seara da natureza e não da cultura, portanto eram passíveis de serem tratados como animais. A desumanização foi um pré-requisito dos maus-tratos humanos, dessa maneira o sistema econômico escravagista se desenvolveu baseado no ideal de predomínio humano sobre outros sub-humanos, considerados animais selvagens que poderiam ser úteis se domesticados, já aqueles considerados daninhos e predadores, poderiam ser eliminados[1] (THOMAS, 2010).

Aos tigres eram atribuídas as atividades de trabalho mais degradantes do período, mas por outro lado, essenciais para o desenvolvimento das funções urbanas. Estes homens eram responsáveis pelo abastecimento de água e coleta e destinação do esgoto, pode-se dizer, um embrião do que seria o atual sistema de saneamento. Estes homens se encaminhavam diariamente para riachos, córregos e praias para captar água e despejar os dejetos, e um dos principais córregos utilizados para isso era o Rio da Bulha, além de também ser utilizado para lavar roupas e pescar. Esse rio acabou se tornando importante para a construção identitária da etnicidade da

população negra, pois foi e ainda é palco de conflitos e conquistas sociais desta população.

Por outro lado, o mesmo rio acabou por ser tornar um importante caminho da região central de Florianópolis. Os caminhos das cidades são canais por onde os indivíduos de deslocam, onde eles percebem o espaço e vivenciam a urbe. Lynch fala que "a concentração de um costume ou de atividades especiais num caminho pode conceder-lhe um lugar predominante na mente do observador [...] as concentrações de costumes são suficientemente evidentes para criar bairros lineares" (1980, p. 60). Neste sentido, que o rio da bulha é também o caminho dos tigres.

Hannerz (1999) afirma que as cidades são os lugares estratégicos para se pensar a cultura em termos de uma organização da diversidade, e que o foco no urbanismo pode complementar a análise sobre o que é de fato antropológico na antropologia urbana. Ainda como parte de uma pesquisa em andamento, com resultados parciais em meio a uma revisão bibliográfica e conceitual da temática, o principal objetivo deste é promover a valorização da história das transformações da infraestrutura urbana e da paisagem do rio da Bulha, buscando entender o papel crucial desta matriz na configuração espacial da região central de Florianópolis em paralelo com a problematização dos acontecimentos atuais da rua e seu atravessamento na problemática étnica racial.

Desenvolvimento:

O caminho dos Tigres – Rio da Bulha

Este rio que nasce no maciço do morro da cruz, como pode-se ver na Figura 01, hoje corre silenciosamente tamponado abaixo da Avenida Hercílio Luz, importante caminho (LYNCH, 1980) do centro histórico da capital que pode ser visto na Foto 02. Esta via larga é considerada pelo Plano Diretor (Lei Complementar 482/2014) como uma via coletora[2] CI-006, tem faixa de domínio maior que 31,60 m, duas pistas de rolamento com 7,00 m de largura cada, duas faixas de mão única cada uma delas. Canteiro

central com largura variável que chega a 7,60 m, duas faixas de estacionamento de cada lado com 2,00 m, passeios laterais com 3,00 m, mão única em cada um dos sentidos e ciclovia sobre o canteiro central, que também pode ser visto na Figura 02.

Originalmente conhecido como Fonte Grande, durante o século XIX, o córrego teve as faixas lindeiras ocupadas por cortiços e pelas pessoas que haviam deixado de ser escravos e que passaram a desenvolver atividades de produção muitas vezes ligados ainda a seus antigos proprietários. O local era considerado um Limite (LYNCH,1980) urbano que separava a cidade branca da cidade negra, o aumento da ocupação em condições precárias de habitação em cortiços ao longo do rio, transformaram a paisagem do local, que passou a ser denominado pejorativamente como rio da bulha, como pode ser ver na Figura 03 (SANTOS, 2009).



Figura 01 – Imagem de Satélite onde se vê em destaque o caminho do rio da Bulha na região leste central de Florianópolis. Fonte: imagem de satélite geoprocessamento da prefeitura e Florianópolis. 2019.


Figura 02: Av. Hercílio Luz com destaque para o canteiro central sobre o rio da Bulha tamponado. Nota-se espaço para ciclovia e espaços de estar, durante a noite esse local é ocupado por mesas de bares e vendedores ambulantes. Fonte: Arquivo Pessoal. 04 de maio de 2016.

Com o crescimento da cidade e consequente valorização da região, o local foi alvo de medidas sanitaristas no início do Século XX, que realizaram

obras de retificação do córrego (Figura 04), construção de alamedas nas suas margens, instalação de iluminação elétrica e mudança do nome do local que passou a se chamar Avenida do Saneamento. A alteração de nome é muito simbólica pois foi utilizada como uma ferramenta de ressignificação urbana.



Figura 03: Imagem do Rio da Bulha. Fonte: CULLETON (2019)



Figura 04: Etapa final das obras de retificação em 1922. Fonte: CULLETON (2019)

Junto de um discurso técnico que visava a promoção do saneamento e limpeza do córrego poluído, existiu um interesse econômico de valorização de uma área central e consequente processo de gentrificação e expulsão da população empobrecida desta localidade. Esta população foi afastada para as margens do limite urbano da época, que passou a ocupar o maciço do morro da cruz (SANTOS, 2009).

A avenida foi inaugurada em 7 de setembro de 1922, e no discurso do deputado Acácio Moreira a lógica de superioridade de raças aparece quando o mesmo brada que "o historiador há de destacar, maravilhado, abençoando a raça original (...) Aqui na terra barriga-verde a raça culminou na sciência", pensamento que reflete os modelos estéticos e de superioridade de raça das teorias do darwinismo social, que expressavam desprezo pela população negra, mestiça e pobre (SANTOS, 2009, p. 508). Para as ciências sociais, a raça é aquilo que é percebido como tal pelos membros de uma sociedade concreta. As variações fenotípicas ligadas a processos históricos da sociedade são percebidas como diferenças físicas, e

o entendimento de raça ou qualificativo racial, é socialmente construído de modo a influenciar nos estatutos dos grupos, indivíduos e relações sociais (DOMINGUEZ, 2004).

O centro histórico, onde hoje existem vários bares que atraem a população jovem em busca de entretenimento na noite florianopolitana, antigamente, também era ocupada por essa mesma parcela da população, tanto que a região era conhecida como "Beco Escuro", "Beco Negro" ou "Beco da Cortiça". Essa região era conhecida como o lugar onde a ordem e os bons costumes não imperavam, novamente atribuindo conotação negativa a essa identidade boêmia do local. Novamente um reflexo de uma ética de dominação humana sobre uma parcela de população sub-humana que não possuíam a qualidade de ordem e boas maneiras defendida como características do campo da cultura dominante. Esta abordagem não está descolada de um contexto mundial, por exemplo, na Inglaterra do início do período moderno era considerado bestial trabalhar a noite, segundo explicava Sir Edward Coke, a noite era "o momento que o homem deveria descansar e em que os bichos vagam a busca de sua presa" (Apud. THOMAS, 2010, p. 46).

A nascente deste rio também é relevante para o imaginário da cidade pois foi instalada junto a ela o primeiro reservatório de água de Florianópolis, o R-0, em 1909 (figura 01), e atualmente, 110 anos depois, no dia 07 de Agosto de 2019 (Figura 05) foi inaugurada também a primeira praça pública do bairro do Monte Serrat sobre o terreno deste reservatório. O processo de construção desta praça envolveu diversos atores sociais do bairro Monte Serrat, através da articulação do Instituto Padre Vilson Groh, foram mobilizadas ONGs, Universidade, prefeitura municipal, empresas particulares e diversas organizações da sociedade civil que atuaram ativamente no processo de projeto, viabilização financeira e execução da praça. Walter (2017) e Gehl (2013) afirmam que as cidades e seus habitantes têm se tornado muitos ativos na reivindicação de um urbanismo voltado às pessoas, onde aglomerações urbanas empreendem esforços para concretizar espaços coletivos que promovem a integração da infraestrutura à vida dos bairros.



Figura 05: A praça do Monte Serrat no dia da inauguração.Fonte: Arquivo Pessoal, 07 de Agosto de 2019.

Outro aspecto relevante a ser destacado do caminho deste córrego é que ele cruza, também tamponado, o terreno do Instituto Federal de Educação de Santa Catarina (Figura 01). O IFSC é uma instituição pública que atua na oferta de educação, profissional, científica e tecnológica, oferecendo cursos de formação de nível: técnico, superior, pós-graduação, qualificação profissional e educação de jovens e adultos.

Kowaltowski (2011) afirma que o ambiente físico escolar deveria refletir e expressar os aspectos que vão além de sua materialidade, deveria ser analisado como o resultado da expressão cultural da comunidade no qual está inserido. O edifício deveria estar "conectado à comunidade, pela compreensão e incorporação de seus valores e desejos" (2011, p 193). A autora ainda afirma que o desenho urbano do lote escolar e sua inserção na comunidade deve valorizar e reforçar o seu papel transformador de equipamento público, suas entradas devem ser convidativas, demonstrando que a comunidade é bem-vinda. Diante disso, pode-se afirmar que o edifício do IFSC, localizado na avenida Mauro Ramos, através de sua materialidade representa o resultado da expressão cultural da comunidade que está inserido, mas não de modo positivo. O lote do IFSC representa um limite (LYNCH, 1980) físico e conceitual entre o 'asfalto'[3] e o morro. O

terreno do instituto apesar de apresentar testadas[4] para a avenida Mauro Ramos e para a rua Major Costa no morro, só permite o acesso pela primeira.

Se aumentarmos a escala de análise para a região central da cidade, a avenida Mauro Ramos como um todo simboliza um limite[5], um muro que mantém simbolicamente segregado o morro do restante da cidade, como uma contenção simbólica que nega à população do morro o direito à cidade, ao espaço público e ao IFSC, refletindo as tensões de geometrias do poder que marcam a mobilidade diferencial entre diversos sujeitos como afirma Haesbaert:

> Ao mesmo tempo em que, para alguns, o espaço é composto de arenas e dutos seguros, integrando múltiplos territórios em redes de alcance planetário, para outros o espaço é uma sucessão de constrangimentos – entre os quais os novos muros – a serem constantemente, se não derrubados, pelo menos contornados, em estratégias que nem sempre representam o caminho rumo a um espaço mais humano. (HAESBAERT, 2011, p. 13)

Os muros servem como uma contenção simbólica que deveria manter a população negra nestas zonas periféricas, no entanto, assim como a água da nascente que não poderá ser nunca completamente contida, a comunidade negra também transborda seus limites geográficos, políticos, socioeconômicos e ocupa os espaços negados a eles, luta pelos seus direitos e derruba os muros sociais impostos por uma sociedade segregadora. O IFSC está no epicentro deste muro invisível que separa a cidade planejada da *cidade conquistada*.

Adotaremos aqui o termo *cidade conquistada*, pois, entendemos que a população negra empobrecida de Florianópolis não teve direito à cidade, mas sim teve que conquistar cada espaço de terra ocupado, assim como a infraestrutura urbana, calçamento, água encanada, transporte público e agora a praça pública (ANJOS, 2018). Tudo isso só foi implantado neste bairro devido a pressão popular e a organização de movimento sociais em parceria com outras entidades.

Conflitos Atuais

Atualmente o caminho dos tigres é novamente palco de conflitos sociais que envolvem a luta pelo direito ao uso do espaço público pela população jovem negra da região. Durante o dia o canteiro central da avenida é utilizado para o deslocamento de modais ativos (bicicletas, skate, patinetes) através da utilização da ciclovia, também existem mesas e bancos, que permitem a prática de jogos de tabuleiro, refeição ou apenas sentar e descansar, como pode-se ver na Figura 06. O espaço também cumpre a função comercial através da presença de vendedores ambulantes durante dia e noite, que oferecem desde objetos artísticos, até alimento e bebidas. No final da tarde o canteiro passa a ser ocupado pelas mesas dos bares lindeiros como pode ser ver na Figura 07.



Figura 06: População que ocupa a avenida Hercílio Luz durante o dia.
Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.



Figura 07: Mesas dos bares distribuidas sobre a avenida hercílio luz durante a noite.
Fonte: ND+. 2019

Durante a noite, o local se torna palco para as manifestações identitárias da população negra da periferia da região. Os jovens utilizando seus amplificadores de som portáteis, carregam em suas mãos a capacidade

de inundar o rio da Bulha com os ritmos sonoros que os entretém, em geral o Funk Carioca. As pessoas que se identificam com ritmo se aproximam e começam a dançar performando suas expressões culturais étnicas. Essas performances aludem a modos particulares de comportamentos comunicativos, que são marcadas esteticamente e são executadas perante uma audiência (DOMINGUEZ, 2004).

Para Dominguez (2004) as práticas de performances de expressões culturais consideradas próprias, podem ser utilizadas como mecanismo para estabelecer uma mesma identidade étnica. A base da identidade étnica é a crença subjetiva de uma comunidade que pressupõem uma ascendência comum. O embasamento nesta crença se dá através da aparência externa, costumes, lembranças da colonização ou da migração e através de narrativas de vinculações com os antepassados.

Facina (2009, p.1) afirma que o "funk é central em processos de construção identitária relacionados à etnicidade e aos lugares de moradia, contribuindo para valorizar pertencimentos que geralmente são fonte de estigmatização." No seu trabalho a autora afirma que essa expressão cultural tem se tornado alvo de perseguição policial e de preconceitos relacionados aos tempos de criminalização da pobreza em que vivemos. Em Florianópolis, pode-se ver processo semelhante acontecendo na Av. Hercílio Luz.

A avenida atualmente é considerada um local democrático que permite que todas as pessoas, independentemente de suas classes sociais, possam coexistir. Porém, precisamente esta condição de coexistência tem gerado uma tensão entre diversos atores sociais dessa região. Os moradores têm feito pressão junto à prefeitura cobrando ações de segurança para a área, reclamando da falta de sossego e desordem nas ruas. No dia 22 de Agosto de 2019, foi realizada uma reunião entre o poder público e os empresários de bares e restaurantes da rua Victor Meirelles, que tinha o objetivo de definir ações de segurança para a região leste do Centro Histórico, estiveram presentes na reunião o promotor de Justiça Daniel Paladino e contou com a presença das Polícias Civil, Militar e Bope, Guarda Municipal, Prefeitura, CONSEG Centro, CDL de Florianópolis e donos de

bares da região (CDL, 2019).

As medidas provisórias estipuladas para funcionar por 30 dias, definiram o aumento do policiamento, reforço da iluminação, atuação em bares com irregularidades no alvará, a proibição de estacionamento no período noturno, a fiscalização de ambulantes e a redução do horário de funcionamento dos bares em 2h, obrigando o encerramento das atividades às 00h00. Além disso, a Polícia Militar passará a atuar com efetivo pesado na intenção de evitar o tumulto e a desordem na avenida Hercílio Luz após o fechamento dos bares (NDMAIS, 2019).

O promotor de Justiça afirmou que as ações atuais visavam evitar um possível futuro fechamento dos estabelecimentos por definitivo, "por falta de movimento de pessoas de bem" (CDL, 2019). O gerente de articulação e negócios da CDL complementa que "o público que ocupa esse espaço após o fechamento dos bares prejudica não só a rotina e o movimento dos estabelecimentos da região, como também o sossego dos moradores" (CDL, 2019).

Na sexta-feira seguinte, 23/24 de agosto, a população que ocupava a avenida Hercílio Luz, (inclusive este pesquisador), foi surpreendida pela ação da cavalaria da polícia militar (PM) que, por volta das 00h30, investiu contra todos que estavam ali com tiros de balas de borracha e spray de pimenta. A PM posteriormente alegou tratar-se de uma "ação firmada com outras entidades para garantir o sossego na região do Centro Histórico e que não vai permitir que bailes funk sejam realizados no meio da rua" (NDMAIS, 2019).

Podemos identificar na fala das entidades a dicotomia do discurso que define os limites entre aqueles considerados moradores, "pessoas de bem", e os outros, aqueles que permanecem nas ruas escutando funk após o horário de encerramento do comércio. Relações semelhantes estão presentes na obra de Elias e Scotson (2000) que abordam a relação de poder entre dois grupos chamados: Estabelecidos X *Outsiders*.

Os autores afirmam que esse processo, no qual um grupo de pessoas se auto representam como humanamente superiores a outro grupo, é um tema humano universal que se dá em diversas momentos e locais da

história. Eles acreditam que as diferenças de coesão e integração dos dois grupos, é uma faceta importante dos diferenciais de poder. Os outsiders são vistos pelo grupo dominante como indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros, devido a isto, os estabelecidos cerram fileiras entre eles e o outsiders, com o objetivo de preservar a superioridade de poder do grupo e definir territórios (ELIAS e SCOTSON, 2000).

Pode-se afirmar que a coesão entre as comunidades aqui também é um fator crucial nos processos de organização de poderes, pois no caso do embate entre os diversos atores citados, apenas os Moradores e comerciantes tem coesão suficiente para terem organizações que os representem em reuniões oficiais que estipular as regras para a ocupação da avenida. Os vendedores ambulantes, assim como os jovens que ficam nas ruas não possuem nenhuma representação organizada, logo não tem poder de decisão algum, fato que se assemelha de certa maneira a condição de *outsiders* (ELIAS e SCOTSON, 2000).

Lerner (2013 apud GEHL 2010, p. XIII) afirma que a identidade da cidade se reflete nos vínculos que estabelecemos com os espaços e elementos de referência que fazem parte do nosso cotidiano como: patrimônio histórico, rios, ruas, praças, parques e edifícios emblemáticos. Para ele um dos segredos da segurança e saúde da cidade está na relação entre diversidade, identidade e coexistência. No entanto, em Florianópolis, exatamente estas características estão gerando um processo complexo de conflitos sociais de poder, que de certa maneira, podem expulsar novamente a população negra empobrecida destes espaços, visto que esse processo de gentrificação já aconteceu ali historicamente através de ações higienistas de planejamento urbano ao qual esse rio foi objeto (SANTOS, 2009).

Com base no que se abordou acima surgiram as indagações: De que maneira a história e criação da identidade desse caminho se mescla com a história e identidade da população negra empobrecida desta região? Como os conflitos e conquistas da população negra que aconteceram e acontecem neste local estabelecem sentidos espaciais, e transformam esses espaços públicos em lugares? Estas e outras questões estão em análise e passam por processo de pesquisa científica para conclusão.

Resultados Esperados

Após ampla explanação, fica evidente a necessidade e importância de um estudo etnográfico do contexto urbano da avenida Hercílio Luz com foco na sua relevância como espaço público para a população negra de Florianópolis, visando problematizar o seu processo de produção, conflitos e conquistas, no passado e no presente. Neste interim se observará como os contrastes culturais se expressam através de manifestações identitárias e da constituição dos espaços cênicos e das interações sociais que os atores ali realizam (DOMINGUEZ, 2004).

Baseado em Silva (2009) a etnografia urbana deve ser organizada através de um eixo estrutural (percurso do etnógrafo, relato de uma experiência conflituosa do pesquisador observador) sistematizada em ANDAR, VER E ESCREVER fluxos que se misturam durante a prática etnográfica pela reciprocidade, interdependência e influência mútuas. O percurso será marcado pela interação com os indivíduos da região e de atores sociais que tem alguma relação com o espaço público.

O *andar* pelo espaço permite situar e perceber a constituição dos lugares da Avenida, que são os pontos ou níveis distribuídos na estrutura espacial. A partir da intervenção da sociedade, criaram-se territórios, que são os espaços estruturados e sociais. Entre esses diversos espaços/lugares estão os circuitos e corredores que permitem o deslocamento e conexão entre os primeiros (ANTUNES, 2009).

O percurso, marcado pela interação com os indivíduos da região e de atores sociais que tem alguma relação com o espaço público, influencia e é influenciado por/sobre os outros. O diálogo (SILVA, 2009) é a principal ferramenta nesse processo, juntamente com levantamentos bibliográficos e dados primários e secundários (SILVA E MENEZES, 2001).

Considerações

Os tigres eram as pessoas escravizadas responsáveis pelos primeiros

serviços de saneamento básico na cidade de Florianópolis, e o Rio da Bulha, era o local mais utilizado por eles para o depósito de águas servidas e para captação de água. Esta prática criou um uso comum no local, que acabou por influenciar na ocupação da região originalmente pela população negra empobrecida.

Com o passar dos anos, o rio foi objeto de diversas ações de planejamento urbano, que influenciaram na mudança da paisagem, nas condições físicas da cidade e na substituição da população que ocupava a região, por classes mais abastadas. Atualmente pode-se dizer a avenida que abriga o rio é um espaço público crucial da cidade e que ainda hoje, é palco de conflitos sociais e, de certa maneira, raciais.

Neste sentido, ainda num formato parcial, com a pesquisa em andamento, podemos identificar as relações sociais nitidamente marcadas neste espaço do meio urbano. Esta avenida em questão é palco significativo de segregação social, correlação comunitária dos que se identificam e ainda assinatura da história marcada e sequenciada nestes séculos.

O processo de ressignificação da Avenida Hercílio Luz como o Caminho dos Tigres, pode possibilitar a legitimação da identidade espacial do lugar como um espaço público que tem em sua origem uma forte relação com identidade étnica racial da população negra empobrecida da cidade Florianópolis.

Notas

1. Mesmo que a escravidão negra tenha precedido as afirmações teóricas sobre a condição semianimal dos negros, já que as teorias de inferioridade racial sugiram depois, Thomas (2010) afirma que seria difícil crer que o sistema escravagista se sustentaria, caso fossem atribuídos traços totalmente humanos a população negra.
2. Seção I, Art. III - vias coletoras e subcoletoras: aquelas que têm a função de interligar pelo menos dois bairros da cidade coletando o tráfego das vias locais; (Lei Complementar 482/2014).
3. O termo 'asfalto' é utilizado costumeiramente pela população do próprio Monte Serrat para se referir a área central da cidade que não faz parte do Morro.
4. Testada é porção do lote que faz divisa com a rua, estrada ou passeio público.
5. "Limites são fronteiras entre duas partes, interrupções lineares de continuidade,

> paredes [...] tais limites podem ser barreiras mais ou menos penetráveis que mantém uma região isolada das outras, podem ser 'costuras', linhas ao longo das quais regiões se relacionam e se encontram. Eles elementos são um relevante característica organizadora, particularmente quando se trata de manter unidas áreas diversas, como acontece no delinear de uma cidade por uma parede ou por água" (LYNCH, 1980, p. 58)

Referências

ANJOS, Priscila Oliveira dos. **Próxima parada: Monte Serrat.** O itinerário da recente história do Transporte Coletivo na comunidade mais populosa do Maciço do Morro da Cruz. Trabalho de conclusão de curso em Jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017.

ANTUNES, CAMILA SISSA. **Do passeio na avenida à balada no prolonga**: **sociabilidade no espaço público. O caso da Avenida Getúlio Vargas, Chapecó (SC)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

CDL. **BARES E RESTAURANTES DA VICTOR MEIRELLES REDUZEM HORÁRIO DE ATENDIMENTO PARA MEIA-NOITE**. Sitio: https://www.cdlflorianopolis.org.br/noticia/bares-e-restaurantes-da-victor-meirelles-reduzem-horario-de-atendimento-para-meia-noite-5117#.XX1luyhKjIU. Acesso em 14/09/2019.

DOMINGUEZ, Maria Eugenia. **O 'AFRO' ENTRE OS IMIGRANTES EM BUENOS AIRES: REFLEXÕES SOBRE AS DIFERENÇAS**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-fevereiro 2004,

FACINA, Adriana. "**NÃO ME BATE DOUTOR": FUNK E CRIMINALIZAÇÃO DA POBREZA.** Adriana Facina. V Encontro de estudos multidisciplinares em cultura. 2009. Faculdade de Comunicação / UFBA, Salvador – Bahia – Brasil.

CULLETON, Billy. –**–**Um século da Avenida Hercílio Luz em imagens Do Rio

da Bulha à canalização e cobertura total. Disponível em https://floripacentro.com.br/um-seculo-da-avenida-hercilio-luz-em-imagens-do-rio-da-bulha-a-canalizacao-e-cobertura-total/ acesso em 14/09/2019.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L.. **Os estabelecidos e os Outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução, Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Sussekind; apresentação e revisão técnica, Frederico Neiburg – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. ISBN 85-7110-547-2

FLORIANÓPOLIS, **lei complementar nº 482**, de 17 de janeiro de 2014. institui o plano diretor de urbanismo do município de Florianópolis que dispõe sobre a política de desenvolvimento urbano, o plano de uso e ocupação, os instrumentos urbanísticos e o sistema de gestão. Florianópolis. 2014.

GEHL, Jean. **Cidades para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HANNERZ, Ulf. **Os limites de nosso auto-retrato**. Antropologia Urbana e Globalização. MANA 5 (1): 149-155, 1999.

LYNCH, Kevin. A imagem do meio ambiente. / A imagem da cidade e os seus Elementos In: **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes. 1980. p.11-23 e p. 57-60.

MAGNANI, J.G. Cantor. **Festa no Pedaço**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
ND MAIS. **Vídeo: Confusão entre PM e público marca noite de sexta-feira no Centro de Florianópolis.** Site: https://ndmais.com.br/noticias/video-confusao-entre-pm-e-publico-marca-noite-de-sexta-feira-no-centro-de-florianopolis/ acesso em 04/09/2019.

SANTOS, André Luiz. **Do Mar ao Morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis**. Tese de doutorado em Geografia apresentada ao programa de pós-graduação em Geografia do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, março de 2009.

HAESBAERT, Rogério. **Da multiterritorialidade aos novos muros**:

paradoxos da desterritorialização contemporânea. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2011. p.1-15. Disponível em <http://www.posgeo.uff.br/sites/default/files/da_multiterritorialidade_aos_novos_muros.pdf>. Acesso em 04 de setembro de 2019.

THOMAS, Keith, **O homem e o mundo natural. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800).** 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVA, Hélio R. S. **A Situação Etnográfica: Andar e Ver**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. – Brasil. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009

SUSSEKIND, Felipe. **Natureza e Cultura: Sentidos da diversidade.** INTERSEÇÕES [Rio de Janeiro] v. 20 n. 1, p. 236-254, jun. 2018

WALTER, Felipe. **A infraestrutura como espaço coletivo**. Revista PLOT. Dezembro 2017, p. 32 -45. ISSN 2545-6342.

ND+. **Ocupação da Hercílio Luz coloca moradores e frequentadores de bares em lados opostos.** Disponível em https://ndmais.com.br/noticias/ocupacao-da-hercilio-luz-coloca-moradores-e-frequentadores-de-bares-em-lados-opostos/. Acessado em 15/09/2019.